

# Op Tridente

## - antes...

1963 – Setembro.9

No Terreiro do Paço o brigadeiro Louro de Sousa, desde há 4 anos comandante do CCFAG e recém-chamado a Lisboa para relatar no CSDN a situação militar na Guiné, antes da reunião afirma ao subsecretário da Administração Ultramarina prof. Silva Cunha, que «a guerra está perdida» naquela província ultramarina.

– «Recebi-o no meu gabinete do Terreiro do Paço e ouvi-o sobre o que pensava da evolução da situação na Guiné: “A guerra”, disse-me (isto passava-se em 1963!), “estava perdida! Não havia exemplo de alguma vez se ter ganho uma guerra subversiva!”. Dei imediatamente conhecimento desta conversa aos ministros da Defesa [e CEMGFA interino] general Gomes de Araújo, e do Exército coronel Joaquim da Luz Cunha. Dias depois assisti na sede do Departamento da Defesa, no palácio da Cova da Moura, a uma reunião do Conselho Superior Militar para ouvir uma exposição do brigadeiro Louro de Sousa aos responsáveis pela condução da guerra; fui em representação do Ministério do Ultramar por o ministro estar ausente em Angola (onde acompanhava a visita do chefe de Estado). Confirmou-se e agravou-se a deplorável impressão que me tinham deixado os anteriores contactos com o chefe militar da Guiné: naquela reunião solene onde se encontravam todos os ministros, secretários e subsecretários de Estado das pastas militares e os chefes dos Estados-Maiores dos 3 Ramos das Forças Armadas, Louro de Sousa iniciou a sua exposição declarando não saber o que estava a fazer na Guiné!; continuou desfiando um rosário de queixumes contra o clima, a deficiência de instalações, a não preparação das tropas, a falta de meios, a força e a combatividade do inimigo! A reacção do ministro da Defesa [general Gomes de Araújo], que presidia à reunião, foi viva e enérgica: a missão do brigadeiro Louro de Sousa estava claramente definida [desde 1959] na sua carta de comando, havia que cumpri-la defendendo as populações, garantindo a integridade do território, combatendo o inimigo com energia e fé!; para estudar a maneira de suprir as carências existentes, aumentar e melhorar os meios disponíveis e definir uma manobra eficiente, é que ele tinha sido chamado a Lisboa e se fazia aquela reunião. A discussão generalizou-se depois, mas não foram tomadas quaisquer decisões. Saí dali convencido de que o brigadeiro Louro de Sousa seria substituído no comando militar da Guiné. Não sucedeu assim, porém! Regressou à Província e pouco tempo [2 meses] depois soube que, com muito sigilo, se preparava uma operação militar de grande envergadura para expulsar o inimigo das posições que ocupava na ilha do Como, ao sul [i.e, litoral sudoeste] da província.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (Silva Cunha, op.cit pp.112/3)

[...]

## ... e depois

[...]

1964 – Março.29 (domingo de Páscoa)

Em Lisboa o PM Salazar, considerando o relatório sobre os resultados da Operação Tridente recém-concluída, e para sanar o prolongado conflito pessoal entre o governador da Guiné comandante Vasco da Gama Rodrigues e o CCFAG brigadeiro Fernando Louro de Sousa, determina a substituição de ambos e a concentração de poderes, escolhendo para o efeito o brigadeiro Arnaldo Schulz<sup>1</sup>.

– «O governador [da Guiné] comandante Vasco Rodrigues e o comandante militar brigadeiro Louro de Sousa, embora houvessem sido discípulos no Colégio Militar e mantivessem relações pessoais de amizade, passado curto período após o início das respectivas funções [i.e, depois de o 1º ter tomado posse no final de 62], surgiu um conflito entre ambos que se agravou progressivamente, de tal forma que [...] o ambiente criado reflectia-se em todos os escalões das 2 hierarquias – a civil e a militar – que respectivamente chefiavam, com gravíssimos prejuízos para a eficiência da administração e da luta contra o terrorismo, o qual, como nódoa de azeite, lenta mas seguramente ia alastrando. [...] Os seus aspectos mais alarmantes [na 3ª semana de Ago63] eram a rivalidade patente, inequívoca, entre o governador [comandante Vasco Rodrigues] e o comandante militar [brigadeiro Louro de Sousa], a incapacidade deste para fazer frente às dificuldades e a sua falta de fé na possibilidade de o fazer. [...] Chegou-se finalmente à conclusão de que se impunha substituir o governador e o comandante militar, e reunir as duas chefias na mesma pessoa. A decisão foi tomada [em meados de Março] pelo presidente do Conselho, ouvidos os ministros da Defesa e do Ultramar. A escolha do substituto recaiu no brigadeiro Arnaldo Schulz. [...] O ministro do Ultramar foi encarregue de fazer o convite pois, sendo o cargo de governador de natureza política e tendo sido resolvido juntar as duas funções na mesma entidade, não era suficiente a nomeação pelo canal militar. Nessa altura o brigadeiro Schulz [...] comandava o sector do Ambrizete, foi chamado a Luanda e pelo telefone o comandante Peixoto Correia fez-lhe o convite. Aceitou imediatamente, sem hesitações.»<sup>2</sup>

<sup>1</sup> (em 17Ago58-04Mai61 ministro do Interior; no momento colocado em Ambrizete como comandante do CmdAgr9, sector noroeste de Angola);

<sup>2</sup> (Silva Cunha, op.cit pp.119,106,109-111,113)

[...]

1964 – Abril.6

No forte de São José da Amura, o comandante do CTIG brigadeiro Louro de Sousa toma conhecimento oficial da sua exoneração.

– «As funções de governador e de comandante militar estiveram separadas até ao momento em que houve um desentendimento entre o governador, o comandante da Armada Vasco da Gama Rodrigues, e o comandante militar, o general [i.e, brigadeiro Fernando] Louro de Sousa. Na sequência da contenda, foi nomeado o general [i.e, brigadeiro Arnaldo] Schulz, acumulando as duas funções.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (Costa Gomes, op.cit pp.169)

[...]

1964 – Abril.26 (domingo)

Em Bissau, realiza-se no *Estádio Sarmento Rodrigues* uma festa de despedida ao governador comandante Vasco da Gama Rodrigues.

[...]

1964 – Maio.8 (6ª feira)

Em Lisboa, o Conselho de Ministros confirma a nomeação do brigadeiro Arnaldo Schulz, para governador e comandante-chefe da Guiné.

– «Em breve partiu [o brigadeiro Schulz de Luanda] para Lisboa, a assumir as suas funções. [...] O novo governador e comandante-chefe foi posto a par dos problemas que teria de enfrentar, tendo para isso os habituais contactos no Ministério do Ultramar e no Departamento de Defesa com os respectivos ministros, os serviços e os estados-maiores. Mostrava-se animado de grande entusiasmo e espírito de decisão. A sua partida para a Província, que se queria rápida, foi porém retardada [cerca de duas semanas] por um forte e inoportuno ataque de paludismo.»<sup>3</sup>

Durante a tarde em Bissau, na sequência do comandante do CCFAG brigadeiro Louro de Sousa haver antontem regressado a Lisboa e sido interinamente substituído pelo coronel tirocinado Guerra Correia, também o capitão-de-fragata Manuel Lopes de Mendonça cessou funções no ComDefMarG, que é assumido pelo recém-promovido capitão de mar-e-guerra Francisco Ferrer Caeiro.

Menos de 24 horas decorridas, nos ilhéus do Como reacendem-se os ataques vindos do exterior e no cais de Bissau uma companhia do BCav490 é rapidamente embarcada no navio *António Carlos* rumo ao sul.

[...]

1964 – Maio.20 (4ªfeira)

No aeroporto de Bissalanca, desembarca às 11:00 o novo governador e comandante-chefe da Guiné brigadeiro Arnaldo Schulz, que é transportado na viatura oficial sob escolta da CPM590 e à chegada ao palácio recebe as devidas honras militares, prestadas por uma companhia de infantaria da guarnição de Bissau.

Durante a noite a *Rádio Argel*, no programa da FPLN intitulado *Voz da Liberdade*, produz uma elaborada propaganda hostil ao novo governador da Guiné, ao mesmo tempo que apela ao Senegal e à Guiné-Conackry para que cancelem com o governo provincial da Guiné Portuguesa as importações de arroz e de mancarra.

[...]

1964 – Maio.23 (sábado)

No final da tarde, ao largo da foz do Cacine o comandante do DFE8 dá por encerrada, sem sucesso, a operação naval que tinha por missão interceptar barcos oriundos de Conackry e com os quais o PAIGC tem logrado abastecer com armas, munições e mantimentos os seus grupos infiltrados na região sudoeste.

– «O início das chuvas tornou a permanência do pessoal emboscado [no ilhéu do Nhafuane] ainda mais difícil. [...] Dia 23 [sábado lua-cheia] resolveu-se retirar novamente o pessoal, dado que as condições de mar deixavam de ser favoráveis. A LDM-306 iniciou a subida do rio Camexibó pouco depois da meia-noite, recolheu o grupo emboscado [desde a madrugada de 17] no ilhéu do rio Nhafuane, que estava exausto, e inverteu o rumo para sair. A 5 milhas da foz do Camexibó sofreu um fortíssimo ataque de ambas as margens: as posições inimigas eram em número de 9; estendiam-se ao longo de 2 milhas; e estavam guarnecidas com morteiros, metralhadoras pesadas e armamento ligeiro. Fazendo fogo com todas as armas, a LDM sob comando do segundo-tenente [FZE José Manuel] Malhão Pereira conseguiu superiorizar-se e atravessar a "zona de morte", sofrendo 58 impactos de vários calibres. O [comandante da secção que estivera emboscada] sub-tenente [da RN Abel] Machado de Oliveira, foi gravemente ferido na cabeça [por bala de ricochete]<sup>1</sup>. Além do segundo-tenente Malhão Pereira, distinguiram-se sobremaneira os grumetes fuzileiros [Cb FZE] Isidoro [M.] Cernadas e [Sebastião] Dias da Rosa.»<sup>2</sup>

Na manhã seguinte em Bissau, decorre no *Estádio Sarmento Rodrigues* a tradicional festa de recepção ao novo governador e comandante-chefe, comparecendo o brigadeiro Arnaldo Schulz acompanhado pelo secretário-geral dr. James Pinto Bull.

<sup>1</sup> (evacuado para o HM241 onde fica largos meses em convalescença, é substituído no DF8 pelo segundo-tenente FZE José Luís Couceiro);

<sup>2</sup> (Calvão, op.cit pp.55/6)

[...]

1964 – Maio.31

Na *ilha* bijagós do Como, reforçados com fuzileiros e pára-quadistas, os efectivos militares defrontam um dispositivo da guerrilha superior ao da primeira fase da *Operação Tridente*, penetrando numa pequena área dominada pelo inimigo onde capturam cerca de 30 guerrilheiros e armamento diverso. Durante a manhã, uma companhia do BCav490 sofreu uma emboscada que causou 1 morto<sup>1</sup> e 3 feridos graves (um deles com um buraco na cabeça)<sup>2</sup>, todos prontamente evacuados de helicóptero para o HM241 em Bissau.

– «Chegado à Guiné [o brigadeiro Schulz], imediatamente os resultados da sua acção se fizeram sentir: as operações militares activaram-se, o inimigo sentiu que uma vontade mais forte se lhe opunha; a situação militar melhorou, intensificou-se a política de promoção social das populações. As características da guerra subversiva exigiam que, paralelamente às operações militares, se fizesse um esforço para neutralizar a propaganda do inimigo, evitar o aliciamento das populações que na sua grande maioria se nos mantinham fiéis e trazer de novo para o nosso lado as que, por efeito da propaganda ou da pressão dos terroristas, alinhavam com estes. Esse esforço foi desenvolvido com o apoio que o Departamento da Defesa Nacional e o Ministério do Ultramar dispensaram ao governo da Província.»<sup>3</sup>

<sup>1</sup> (nesta data há apenas uma baixa registada neste TO, relativa à morte em combate do soldado da CCac556 Francisco António Feiteira);

<sup>2</sup> (na manhã seguinte morre no HM241, durante intervenção cirúrgica a grave ferimento na cabeça, o soldado apontador-de-morteiro da CCav487 João Félix Pereira Santos, atingido em emboscada às 07:00 de 31Mai64; será sepultado no cemitério de Bissau, vindo a ser agraciado a título póstumo com a Cruz de Guerra de 2ª classe);

<sup>3</sup> (Silva Cunha, op.cit pp.114)

[...]

1964 – Junho.3

Em Conackry, a emissora oficial anuncia que o PR Sekou Touré acaba de aprovar um decreto com o substancial aumento da delimitação das águas territoriais da República da Guiné.

– «A norte o paralelo de latitude 10° 56' 42" N e a sul o paralelo 9° 03' 18" N. Largura das águas, 130 milhas! Dado que o limite norte implicava com a zona de partida das acções [dos barcos de abastecimento do PAIGC] nos rios [fronteiriços] Camexibó e Inxanxe, o [novo comandante-chefe e] governador da Província, general [i.e. brigadeiro] Arnaldo Schulz, suspendeu as operações [de emboscada e/ou intercepção naval] a fim de evitar incidentes de fronteira. Só 5 anos mais tarde se recommençaram as operações. A quantidade de armamento inimigo e a completa liberdade de acção que esta possuía para se movimentar nas águas fronteiriças com a República da Guiné, foi aumentando de ano para ano.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (Calvão, op.cit pp.56)

